

GESTO INACABADO DESVENDA OS INTERSTÍCIOS DA CRIAÇÃO

R O N A L D O C . H E N N
C E N T R O D E E S T U D O S D E
C R Í T I C A G E N É T I C A
P U C / S P

Uma pesquisadora que exhibe seu território de investigação em momento de plena maturidade: é com essa desenvoltura que chega ao público *Gesto inacabado* (editora Annablume, com apoio da Fapesp), livro da professora doutora Cecilia Salles, que desde já torna-se leitura obrigatória para quem se interessa por estudos que envolvam processos de criação. Vinculada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo, Cecilia implementou o Centro de Estudos de Crítica Genética, reunindo pesquisadores de áreas distintas. Essa diversidade, associada a reflexões permanentes, rendeu à autora rico material que, associado à sua bagagem de refinada perspicácia, estabelece as bases para vãos teóricos de primeira linha.

Figurando entre os pioneiros nas pesquisas de Crítica Genética no Brasil, Cecilia desencadeou pelo menos dois saltos nessa área de investigação dos processos criativos: primeiro, deu substância teórica aos estudos, resultado de frutífero encontro com a semiótica de C. S. Peirce. Depois, ampliou a área de investigação, antes

restrita aos manuscritos literários, para produções inventivas de toda e qualquer mídia, inclusive os mais recentes, que se expandem juntamente com os computadores. Nessa perspectiva, o conceito estrito de manuscrito deixa de fazer sentido e é substituído pelo de “documentos de processo”, que são todo e qualquer registro material do processo criador.

Os resultados dessas iniciativas encontram, agora, uma síntese nesse livro. Cecilia, na apresentação, já define um dos pilares de Crítica Genética, que é a busca dos meandros da criação por meio dos rastros ou marcas deixadas pelos artistas durante o processo. Ou seja, estamos diante de uma proposta que enaltece uma espécie de materialidade da criação, cuja natureza é totalmente avessa aos postulados subjetivos ou movidos por epifanias que o censo comum alardeou sobre as obras de invenção.

Na primeira parte, Cecilia oferece uma contribuição original para a Filosofia da Arte com o que ela chama de “Estética do Movimento Criador”. Segundo ela, ao narrar a gênese da obra, o pesquisador pretende tornar o movimento legível e revelar alguns dos sistemas responsáveis por sua geração. E esses sistemas pautam-se por um caráter processual, pelo qual “as obras estão sempre num fazer”. Nesse sentido, o pesquisador “emoldura o transitório”.

A intervenção do acaso no ato criador ganha relevância, mas com outras tintas. Cecilia lembra que o artista, envolvido no clima de produção de uma obra, passa a acreditar que o mundo está voltado para sua necessidade momentânea e seu olhar transforma tudo para seu interesse. Existe uma “lógica” do acaso quando se pensa no processo criador ativado em sistemas mais amplos.

Na segunda parte, a autora propõe algumas “abordagens para o movimento criador”, das quais se destaca o conceito de “ação transformadora”. Ela defende a idéia de que o percurso criativo observado sob o ponto de vista de sua continuidade “coloca os gestos criadores em uma cadeia de relações, formando uma rede de operações estreitamente ligadas”. O ato criador, nesse ponto de vista, é classificado como um processo inferencial.

Em outro ponto alto de suas reflexões, Cecilia enaltece o percurso organicamente intersemiótico do ato criador, em que pese a linguagem específica de cada objeto construído. Ou seja, há uma

confluência de manifestações organizadas nas linguagens mais diversas que, em um processo ininterrupto de apropriação e tradução, ganha tintas especiais e originais na obra projetada.

A autora também propõe um conceito de verdade artística, cuja natureza reside no trajeto do artista em direção à obra, delimitando, dessa forma, o que de fato interessa à Crítica Genética: a construção, o processo em que a obra definitiva se encerra, e no qual as marcas apontam para uma semiose sem fim. Isso porque, ao entrar em circulação, a obra desencadeia novos processos tradutórios para o mesmo artista na busca de sua poeticidade máxima, ou para outros.

Gesto inacabado, portanto, oferece rico painel para pensar a produção de signos nas mais variadas linguagens. Tudo isso em um texto que, mesmo com rigor acadêmico, revela uma autora de elegante fluência, que mescla pitadas de jornalismo com o ensaio, num resultado delicioso.